

MARIA TÃO PLENA DE DEUS E TÃO NOSSA

Coleção **TEMAS MARIANOS**

- *Aparições de Nossa Senhora — Suas mensagens e milagres*, Ernesto N. Roman
- *Maria e a Trindade*, Bárbara P. Bucker, Lina Boff, Maria C. Avelar
- *Maria na piedade popular*, Murilo S. R. Krieger
- *Viver com Maria — Temas de espiritualidade e qualidade de vida*, Luiz Alexandre Solano Rossi
- *Aparecida do Brasil: A Madona Negra da abundância*, Lucy Penna
- *Maria, mulher de Deus e dos pobres: Releitura dos dogmas marianos*, Clara Temporelli
- *Virgem Maria, Mãe em plenitude*, Frei Maria-Eugênio do Menino Jesus
- *Caminhar com Maria para seguir Jesus*, José Adriano Gonçalves
- *Maria tão plena de Deus e tão nossa*, Kathleen Coyle, ssc

KATHLEEN COYLE, SSC

MARIA
TÃO PLENA DE DEUS E TÃO NOSSA



Título original: *Mary So Full of God, Yet So Much Ours*

ISBN 978-971-510-232-2

© 2010 Society of the Divine Word

Published by Logos Publications, Inc.

Tradução: *Barbara Theoto Lambert*

Direção editorial: *Zolferino Tonon*

Assistente editorial: *Jacqueline Mendes Fontes*

Revisão: *Cícera Gabriela Sousa Bezerra*

Tiago José Risi Leme

Diagramação: *Dirlene França Nobre da Silva*

Capa: *Marcelo Campanhã*

Impressão e acabamento: PAULUS

As citações bíblicas foram tiradas da *Bíblia de Jerusalém*, nova edição, revista, São Paulo, Paulus, 1985.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Coyle, Kathleen

Maria tão plena de Deus e tão nossa / Kathleen Coyle ; [tradução Barbara Theoto Lambert]. — 1. ed. — São Paulo: Paulus, 2012. — (Coleção Temas marianos)

Título original: *Mary so full of God, yet so much ours.*

ISBN 978-85-349-3473-2

1. Maria, Virgem Santa - Culto
2. Maria, Virgem Santa - História das doutrinas
3. Maria, Virgem Santa - Teologia I. Título. II. Série.

12-09636

CDD-232.91

Índices para catálogo sistemático:

1. Virgem Maria : Teologia dogmática cristã 232.91

1ª edição, 2012

© PAULUS – 2012

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 São Paulo (Brasil)

Fax (11) 5579-3627 • Tel. (11) 5087-3700

www.paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-3473-2

PREFÁCIO

Cursos de teologia marial estão incluídos nos currículos para homens e mulheres que se preparam para o ministério. Com exceção de periódicos eruditos, há uma escassez de material adequado para esses cursos. No início da década de 1990, Claretian Publications, em Manila, convidou-me a preparar um livro didático para cursos de teologia marial em seminários e escolas de teologia nas Filipinas e na Ásia. Compromissos mais recentes levaram-me à Índia e a Mianmar. Minha resposta ao pedido claretiano foi *Maria na tradição cristã a partir de uma perspectiva contemporânea*, que foi originalmente publicado em Manila, em 1993. Uma edição revisada foi publicada em 1996 por Twenty-Third Publications, Mystic, CT., EUA. Essa publicação foi seguida de uma edição asiática por Claretian Publications, em 1998, reimpressa por Logos Publications, Manila, e traduzida para o português no Brasil (Paulus, 2000) e no Timor Leste.

Nos últimos anos, alguns estudos sobre Maria têm feito valiosas revelações bíblicas e teológicas que enriquecem o conteúdo dos cursos. Espero ter-lhes feito justiça em minhas citações. Entretanto, essas referências estão além dos recursos financeiros dos jovens dos países em desenvolvimento que se preparam para o ministério. Foi por essa

razão que escrevi *Maria, tão plena de Deus, porém tão nossa*. Longe de tratar de forma abrangente a teologia de Maria, o objetivo desta obra é servir de introdução básica para estudantes de teologia e também para os que se dedicam ao ministério pastoral. Esperamos que também proporcione material de curso para estudantes fora das fronteiras da Ásia. Este estudo amplia e expande a discussão bíblica e teológica sobre Maria em meus livros anteriores e inclui descobertas de estudos recentes.

Meus agradecimentos mais calorosos são para o corpo docente e os participantes do curso no Instituto Pastoral do Leste Asiático, da Escola de Teologia Maryhill, e do Instituto de Formação e Estudos Religiosos, Manila. Meus agradecimentos vão também para os participantes do Centro Pastoral de Mangalore, Maharashtra, e do Centro Pastoral de Patna, em Bihar, Índia. Seus discernimentos me inspiraram e suas perguntas me incentivaram a procurar outras respostas.

Uma palavra especial de agradecimento vai para meu cunhado, Thomas Swiss, por sua leitura interessada e cuidadosa do texto preliminar; para Merle Salazar, cujos sábios conselhos e habilidades editoriais deram forma ao manuscrito, e para Arche Ligo, por sua paciente ajuda e seu generoso apoio. Devo às críticas eruditas e ao entusiasmo que Luc Mees tem por clareza o estímulo para que eu desse atenção a detalhes. Uma última palavra de agradecimento vai para os missionários columbanos, que, com seu compromisso e dedicação, continuam a inspirar meu compromisso com a missão.

INTRODUÇÃO

CADA ÉPOCA FORMA SUA IMAGEM DE MARIA

“Foi o próprio Deus que nos deu o sinal da Virgem”,
Irineu de Lião (130-200).

A história não tem registro de Maria (Miriam) de Nazaré, exceto pelos documentos de fé, e o relato a seu respeito nesses documentos é de uma brevidade frustrante. Paulo nem sequer menciona seu nome. Lucas e Mateus a mencionam, mas é geralmente nas narrativas da infância, que não são relatos históricos do princípio da vida de Jesus. O quarto Evangelho dá-lhe proeminência. Entretanto, esse Evangelho é mais uma reflexão teológica do que narrativa de acontecimentos históricos. A *Didaqué*, o ensinamento que se autodenomina *Ensino dos Doze Apóstolos*, também não a menciona. O mundo em que as primeiras histórias de Maria se originaram era judaico e vivia sob o domínio romano. Ela não era um rabino, não escreveu um livro bíblico, mas sua voz teológica deu à Igreja seu hino de louvor e ação de graças mais entoado – o *Magnificat*. O contraste entre a pouca prova bíblica a seu respeito e o interesse persistente nela depois de dois mil anos é notável. Dessa escassa prova bíblica surgiu uma história complexa e, às vezes, extravagante de devoção mariana na Igreja.

A presença de Maria na tradição cristã

A verdade simbólica que a tradição marial revela sobre Deus, sobre nós e a Igreja excede de longe as informações históricas limitadas que possuímos. A devoção a Maria tornou-se fundamental para a espiritualidade e a arte das Igrejas Católica e Ortodoxa. Ela figura com proeminência na iconografia oriental e nas obras inspiradoras de grandes artistas ocidentais como Fra Angelico, Leonardo da Vinci, Botticelli e Rafael. É reverenciada em pinturas e poesias, hinos e devoções, catedrais e igrejas, ordens religiosas e festas primorosas. Vitrais e estátuas representam sua beleza e o mesmo fazem catedrais magníficas como as de Chartres, Paris e Reims, que foram construídas em sua homenagem. Ela inspira parte da arquitetura mais grandiosa, parte da poesia mais comovente e parte das pinturas mais belas do mundo. Ela desperta em homens e mulheres as mais nobres emoções de amor e veneração.¹ Sua frequente descrição na arte cristã dá testemunho de um profundo amor pela Mãe de Deus, que transcende sua expressão teológica. Sua litania dirige-se a ela e a celebra sob uma variedade de nomes: Virgem, Mãe, Madona e Rainha do Céu. Não é fácil explicar satisfatoriamente o persistente interesse em Maria depois de dois mil anos. Ela passou para a história e sua memória vai perdurar.²

Como o culto a Maria cresceu através dos séculos? Ela é presença universal e símbolo versátil, e seu culto acalenta a imaginação religiosa popular dos cristãos, que a invocam

¹ M. WARNER, *Alone of All Her Sex: The Myth and the Cult of the Virgin Mary*, Nova York, Vintage Books, 1983, p. 338. O título do livro foi tirado do verso de Sédulo: "Mas, entre todas de seu sexo, só ela agradou ao Senhor".

² C. NAVIA, "Mary of Nazareth Revisited", em D. IRARRÁZAVAL, S. ROSS e M-T WASCKER, *The Many Faces of Mary, Concilium*, Londres, SCM Press, 2008/4, p. 25.

constantemente para cumprir os aspectos sempre variáveis do discipulado cristão. A teologia reflete continuamente sobre sua cooperação com o plano divino de salvação na anunciação, seu chamado a uma vida de compromisso que finalmente terminou na oferenda sacrificial de si mesma em união com seu Filho aos pés da cruz (Jo 19,25-28). Há séculos, os mariólogos procuram entender o que significava essa cooperação. À medida que o desafio do discipulado cristão e as exigências da vida radical do Evangelho variavam pelos séculos, Maria tornava-se seu modelo para reencarnar o amor e a justiça de Deus através dos tempos. Ela é mulher de misterioso poder, que continua importante através dos tempos, quando as próprias mulheres têm pouco poder.

Maria na imaginação dos cristãos

Embora haja fortes indícios de que Maria ainda é símbolo religioso de força duradoura na tradição católica, ela continua a ser um símbolo ambíguo – em especial para as mulheres –, pois as virtudes passivas de submissão, humildade e docilidade foram projetadas nela. Samuel Rayan, teólogo jesuíta indiano, observa que a teologia tradicional apresenta uma espécie de “Maria desidratada, que tem de ser libertada para ser verdadeiramente humana”.³ A teologia precisa libertá-la de algumas das imagens nas quais a formaram. As estátuas e os quadros de Maria em algumas de nossas igrejas fazem a ela e a nós um desserviço. Não representam a judia forte de Nazaré que respondeu ao chamado de Deus. Na maioria das vezes, apresentam-na dócil, tímida, condescendente e recatada, com os olhos baixos e expressão resignada – imagem muitas vezes tida

³ S. RAYAN, “In Defense of Balasuriya”, *The Tablet*, 1 Nov. 1997, p. 1394.

como modelo de piedade para as mulheres e também para os homens. Contudo, ela continua a viver na alma católica e na memória e cultura cristãs, onde suas histórias e lendas evocam uma presença meiga. Essa é uma cultura que, de outra forma, é experimentada como dominadora e controladora. Seguir Maria como ela é quase sempre descrita pela tradição talvez desencoraje, em vez de desafiar o modo de vida radical do Evangelho. O famoso estudioso bíblico John McKenzie acredita que a falta de indícios históricos sobre a vida de Maria “deixou a imaginação da piedade cristã completamente incontida por informações”.⁴

Essa discussão sobre Maria espera distinguir a Maria dos Evangelhos da teologia de Maria impulsionada em algumas devoções populares.⁵ Entretanto, na convincente passagem da anunciação nós a vemos em sua simplicidade e inexperiência sendo abordada por Deus, “que a saúda, a abençoa [...] e lhe faz uma promessa misteriosa: Jesus, o Messias, habitará em seu corpo de mulher”.⁶ E, enquanto está grávida, “sozinha em uma região montanhosa, sem nenhum ouvinte além de uma velha e dois nascituros, Maria canta o que seu Filho vai corajosamente proclamar trinta anos mais tarde, na sinagoga local”.⁷

Interesse ecumênico contemporâneo

O espírito ecumênico dos últimos anos incentivou os cristãos a tentar entender e apreciar as tradições mútuas, a

⁴ J. MCKENZIE, “The Mother of Jesus in the New Testament”, *Concilium* 168, Hans KÜNG & Jürgen MOLTMANN (orgs.), Nova York, Seabury, 1983, p. 3.

⁵ Veja Kathleen COYLE, *The Marian Tradition: A Rereading*, Terceira de três palestras dadas na Conferência Mariana: *Mary for the Third Millennium*, St. Joseph’s College, Hunter’s Hill, Sydney, set. 1998. Foi publicada na *East Asian Pastoral Review*, vol. 35, 1998, n. 3/4, p. 273-292.

⁶ NAVIA, 23.

⁷ M. MCKENNA, *Mary, Shadow of Grace*, Maryknoll NY, Orbis, 1995, p. 46, citado em Navia, p. 25.

fim de encontrar em Maria recursos para a reconciliação em vez do conflito. O protestante Carl Jung considera a rejeição da devoção a Maria por seus companheiros protestantes uma oportunidade perdida. Falando como psicanalista, afirma que eles sacrificam a oportunidade de individuação, enquanto os cristãos católicos e ortodoxos têm a possibilidade singular de unir o consciente e o inconsciente.⁸ McKenzie observa que, se as atuais discussões ecumênicas e teológicas, livres e abertas, fossem possíveis há 450 anos, a reforma protestante não precisaria ter acontecido.⁹ Esses estudos foram publicados em *Mary in the New Testament: an Introduction*, e editados por Raymond Brown *et al.*¹⁰ (1978). Muitas outras obras se seguiram.¹¹

O escopo do livro

O capítulo 1 apresenta uma visão geral das diversas imagens de Maria que surgiram em todos os séculos, enquanto gerações de cristãos moldavam sua imagem da Mãe de Jesus, que personificava o amor de Deus por eles. Registra a devoção a Maria desde o século II até o Vaticano II, e dá atenção especial à Idade Média e aos desafios das

⁸ Citado em Frank X. TUOTI, *Why Not Be a Mystic?* Nova York, Crossroad, 1995, p. 165.

⁹ MCKENZIE, p. 3.

¹⁰ Raymond E. BROWN *et al.*, *Mary in the New Testament*, Filadélfia, Fortress Press and Paulist, 1978.

¹¹ Outra contribuição é o livro de John MACQUARIE, *Mary for All Christians*, 1991. Começou como série de documentos para a Sociedade Ecumênica da Santíssima Virgem Maria, na Inglaterra, e remonta a 1970. *Hopes and Visions: Papers of the Ecumenical Society of the Blessed Virgin in the United States of America*, 1996. Beverly R. GAVENTA, *Mary: Glimpses of the Mother of Jesus*, Columbia, Carolina do Sul, University of South Carolina Press, 1995, espera "gerar, entre os protestantes, interesse em uma figura importante e negligenciada" (Prefácio). Gaventa e Cynthia Rigby (orgs), *Blessed One: Protestant Perspectives on Mary*, Louisville & London, Westminster John Knox, 2002 e, em 2002, foi publicada a tradução inglesa de *Mary in the Plan of God and the Communion of Saints* por ecumenistas de língua francesa. Eles se reúnem anualmente desde 1937. Recentemente, em 2004, a Comissão Anglicana e Católica Romana (ARCIC) publicou *Mary: Grace and Hope in Christ*, fevereiro de 2004, que é, conforme a própria comissão, "forte reflexo de nossos esforços para descobrir o que temos em comum e celebrar aspectos importantes de nosso patrimônio comum".

épocas da Reforma, da pós-Reforma e do Iluminismo. Muito poucos acontecimentos cercam a figura de Maria, por isso ela se presta mais livremente que a figura de Jesus a uma trajetória simbólica pela história. Essa imagem muitas vezes nos revela mais sobre a Igreja em determinado período da história do que sobre a Maria dos Evangelhos.

O capítulo 2 mostra como o Concílio Vaticano II esperava apresentar uma imagem de Maria que refletisse fielmente o entendimento que a Igreja tem dela e a fizesse contemporânea de homens e mulheres. As contribuições inovadoras do Vaticano II e os esforços conciliares para inserir Maria no contexto do mistério de Cristo são vistos na cuidadosa inclusão de um capítulo sobre Maria na *Constituição Dogmática sobre a Igreja*, capítulo que surgiu depois de emocionante debate sobre Maria, na atmosfera ecumenicamente sensível do Concílio. Avalia também o compromisso dos Padres conciliares para realçar a intercessão única de Cristo e diminuir os excessos marianos de séculos anteriores. Finalmente, aborda as contribuições de documentos pós-conciliares que oferecem “uma leitura nova e aprofundada daquilo que o Concílio disse sobre a bem-aventurada Virgem Maria”. A preocupação de Paulo VI em *Marialis Cultus* é com desvios devocionais e imagens de Maria na literatura popular. O foco de *Redemptoris Mater*, de João Paulo II, é doutrinal, não devocional. Em sua preocupação com o ecumenismo, ele espera que Maria seja a ponte que unirá as Igrejas do Oriente e do Ocidente.

O capítulo 3 coloca Maria, jovem galileia judia, no contexto da Palestina do século I, com seus problemas econômicos e políticos. Lucas apresenta fundamento bíblico para uma teologia de Maria, descrevendo-a como Mãe e discípula, e concentrando-se em sua cooperação na

encarnação. Esse exame dá atenção especial à narrativa da anunciação; critica as interpretações patriarcais e, ao contrário, concentra-se em sua mensagem de fortalecimento. Apresenta Maria com a missão de profetisa modelada na de Moisés e dos profetas da história de Israel e enfatiza a mensagem profética do *Magnificat* com seu convite aos pobres para que se levantem contra a opressão de suas vidas subjugadas. Termina com Maria em Pentecostes, revestida do poder do alto.

O capítulo 4 aborda as interpretações bíblicas e teológicas do dogma da maternidade divina e o solene ensinamento da Igreja sobre a concepção virginal de Jesus. Começando pelo Concílio de Niceia, examina a rica interpretação histórica desses ensinamentos antigos. Em seguida apresenta descobertas de teólogos contemporâneos e examina o caráter simbólico de afirmações teológicas a respeito de Maria. As influências das heresias primitivas do docetismo e do gnosticismo, bem como influências ascéticas nesses dogmas, também são analisadas. Enfatiza ainda a importância de considerar as questões teológicas por trás de cada dogma e a necessidade de contemplar continuamente seu significado para a vida de fé da comunidade cristã.

O capítulo 5 analisa a longa evolução e desenvolvimento de dois dogmas modernos, a Imaculada Conceição e a Assunção da Santíssima Virgem Maria. Concentra-se na evolução, nas raízes bíblicas, no condicionamento histórico e na significância teológica de cada dogma. Como a Imaculada Conceição era entendida historicamente em termos do pecado original, esse capítulo apresenta um exame sucinto de formulação agostiniana do pecado original. Em seguida, examina reflexões contemporâneas sobre o pecado original que nos convidam a refletir de maneira nova sobre

o significado do dogma da Imaculada Conceição e suas implicações para a vida cristã. Finalmente, a Imaculada Conceição e a Assunção são declarações convincentes de que, nas palavras de Carl Jung, são símbolos de elevação “do feminino no nível do divino”.

O capítulo 6 examina a longa tradição dos símbolos marianos que conquistaram a imaginação cristã na devoção popular e também na imaginação teológica. Apresentamos uma análise dos símbolos Maria-Nova Eva e Novo Adão-Nova Eva, bem como de sua influência negativa na vida das mulheres. Salientamos a ligação entre a supressão do feminino no cristianismo e as imagens silenciosas e submissas de Maria que legitimam a opressão das mulheres. O despertar universal da dignidade das mulheres na história exige uma interpretação crítica da profunda ambivalência no cristianismo com respeito às mulheres e convida a Igreja a procurar uma apresentação significativa dos símbolos marianos.

O capítulo 7 mostra que uma teologia subdesenvolvida do Espírito Santo e da Santíssima Trindade fez Maria assumir os atributos compassivos de Deus. Analisa Deus em imagens masculinas e femininas, o preconceito ideológico na teologia clássica e a contribuição de teologias políticas e feministas. O estudo aconselha que apresentações litúrgicas e devocionais de Maria convoquem a Igreja para um discípulo libertador e profético no contexto da complexidade de um mundo de pobreza opressiva, repressão política e o sofrimento dos marginalizados. Mas Maria é mais que um modelo de discípulo perfeito. A teologia também precisa apresentá-la como o ícone esplêndido do Deus vivo que nos sensibiliza à presença do mistério de Deus difundido por toda a criação.

Toda reformulação teológica da imagem de Maria deve prestar atenção ao fenômeno das peregrinações a santuários marianos, fenômeno que não raro fala dos esforços das pessoas para unir fé e vida. O apêndice estuda a espiritualidade e o importante papel da peregrinação na tradição cristã e analisa a experiência de peregrinação através das grandes tradições religiosas. Dá atenção especial ao dramático aumento de manifestações marianas nos séculos XIX e XX, com suas mensagens apocalípticas, e pergunta se essas expressões de devoção popular dizem alguma coisa importante a respeito de nosso entendimento do divino e nosso acesso a ele. Precisamos perguntar como interpretar o recente aumento de aparições marianas e por que essas manifestações extraordinárias satisfazem as necessidades espirituais. Nenhum estudo de Maria seria completo sem uma análise definida desse fenômeno.